Prefeitura Municipal do Natal
Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica
Departamento de Estudos e Pesquisas

DINÂMICA E CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DE TRABALHO DE NATAL/RN

Uma Contribuição à Política Municipal de Emprego e Renda

José Aldemir Freire

Natal RN
2005

PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL
SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E GESTÃO ESTRATÉGICA
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL
DEPARTAMENTO DE AÇÕES PARA O TRABALHO

Carlos Eduardo Nunes Alves
Prefeito
Micarla de Souza Weber
Vice-Prefeita

Maria Virgínia Ferreira Lopes
Secretária Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica
José Aldemir Freire
Chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas

Andréa Ramalho Pereira de Araújo Alves
Secretária Municipal de Trabalho e Ação Social
Maria Albanisa da Silva
Secretária Adjunta da Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social
Maria Enilda Albuquerque
Chefe do Departamento de Ações para o Trabalho

SUMÁRIO

Apresentação

1. Introdução

2. Emprego, Desemprego, Concentração de Renda e Pobreza em Natal

2.1A Questão do Emprego e do Desemprego em Natal

2.2O Maior contingente de Pobres e Miseráveis Entre os Municípios do RN

2.3O Aumento da Concentração da Renda em Natal na Última Década

3. Dinâmica e Características do Mercado de Trabalho de Natal

3.1 A dinâmica

3.1.1 População Economicamente Ativa (PEA): evolução recente e características gerais

3.1.2 Emprego, Desemprego e Qualidade das Ocupações: tendências dos anos 90 e projeções para a atualidade.

3.2 As características

3.2.1 O emprego e desemprego: dimensões, características etárias e por sexo e a questão da educação

3.2.2 Principais Setores e Posição da Ocupação

3.2.3 Perfil da Jornada de Trabalho

3.2.4 Perfil do Rendimento

3.3. Novas tendências

4. Conclusões

APRESENTAÇÃO

A publicação do estudo Dinâmica e Características do Mercado de Trabalho de Natal/RN: uma contribuição à Política Municipal de Emprego e Renda representa um esforço integrado da Prefeitura do Natal, através da Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica - SEMPLA e da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social - SEMTAS. Seguramente, tornar-se-á uma fonte de consulta, pela riqueza de dados e sugestões, constituindo-se num instrumento de planejamento e ação para gestores de Políticas Públicas de Inclusão Social, em um momento de plenos desafios, em que o desemprego e o trabalho precário aparecem como uma das mais adversas expressões da questão social em nossa cidade.

Suprindo a escassez de dados sistematizados, acerca da situação social e econômica da cidade do Natal, o autor, competente e cuidadosamente, consegue traçar um painel que ressalta: índices elevados de pobreza absoluta e concentração da riqueza socialmente produzida; a natureza heterogênea do mercado de trabalho local; elevadas taxas de desemprego e trabalho precário, com índices críticos referentes aos jovens e mulheres, anunciando os limites da condição de vida da população socialmente excluída.

Por outro lado, o estudo sinaliza um prognóstico favorável de certa reversão dessa tendência de precarização das relações de trabalho em Natal, demonstrando que ao fim do ciclo de reestruturação modernizadora e a partir de novos investimentos, públicos e privados, mais e melhores empregos são gerados no setor formal da economia.

Iniciativas como esta devem ser estimuladas e o exemplo seguido por outras instituições e seus pesquisadores, haja vista que o conhecimento, a formulação adequada e a análise de um problema podem ser o meio do caminho para a sua solução.

Portanto, a presente publicação por suas contribuições voltadas à redução do desemprego, do trabalho precário e das desigualdades sociais é mais um instrumento na construção de possibilidades para que a cidade do Natal alcance a condição de Cidade Saudável com Inclusão Social.

Andréa Ramalho Pereira de Araújo Alves
Secretária Municipal do Trabalho e Assistência Social

Maria Virgínia Ferreira Lopes
Secretária Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica

1 INTRODUÇÃO

Garantir à maioria dos trabalhadores brasileiros o acesso ao mercado formal de trabalho constitui um dos grandes desafios das políticas públicas. Entre as décadas de 30 e o final dos anos 70 do século passado, o mercado de trabalho brasileiro se urbanizou e passou por uma crescente formalização, com uma parcela cada vez maior dos trabalhadores tendo acesso à "carteira assinada" e, conseqüentemente, a um grau mais elevado de proteção social, como é o caso das férias remuneradas, 13º salário, terço de férias, FGTS, multa rescisória por demissão injustificada e contribuição previdenciária.

Entretanto, essa crescente formalização do mercado de trabalho brasileiro sofre um sério problema de continuidade no início dos anos 80. A crise em que mergulha a economia do país no início daquela década - queda vertiginosa do ritmo de expansão da economia e explosão inflacionária - leva a uma difícil situação do mercado de trabalho, que se manifesta, dentre outras coisas, pela baixa capacidade da economia de gerar mais empregos e por uma estagnação do grau de formalização do mercado de trabalho.

A década de 90 no Brasil é marcada, por sua vez, por um maior grau de abertura da economia[1], por uma política agressiva de privatização das empresas públicas e pela implantação do Plano Real em 1994, que consegue o debelamento da inflação.

Se a abertura da economia, as privatizações e a estabilidade dos preços levaram a economia brasileira a uma modernização do seu parque produtivo e de suas práticas gerenciais, no entanto, as mesmas não conseguiram levar o Brasil a um novo ciclo de crescimento sustentável.

[1] Abertura essa que se manifestou por uma redução das barreiras tarifárias e não tarifárias sobre a entrada de mercadorias e por uma maior desregulamentação da conta de capitais. Após a implantação do Plano Real em 1994 e até o final de 1998 a essa abertura da economia deve ser adicionada uma sobrevalorização cambial.

Além disso, o mercado de trabalho brasileiro, de um modo geral e particularmente nas regiões metropolitanas, passa por uma crescente precarização, com redução do emprego industrial e crescimento do emprego nos setores de serviços, que paga um salário menor do que a média e geralmente sem a formalização do emprego.

Essa dinâmica mais geral da economia brasileira se repetiu, em menor ou maior grau, em vários espaços regionais. Contudo, dadas as particularidades de cada localidade, tais processos podem ter acontecido em intensidades, velocidades e mesmos em padrões distintos dos nacionais. Identificar as particularidades locais de cada mercado de trabalho constitui uma necessidade imperiosa para a concepção de políticas públicas locais de emprego e renda.

Em função disso, o presente texto faz uma avaliação da dinâmica e das características do mercado de trabalho de Natal/RN e aponta alguns dos principais desafios enfrentados na questão do emprego e da renda. Alguns elementos se destacam nessa temática: 1) a elevada taxa de desemprego; 2) a natureza heterogênea do mercado de trabalho de Natal, com destaque para a situação mais precária das mulheres e dos jovens; 3) o número elevado de pessoas que ingressam, anualmente, em idade de trabalhar; 4) o município com o maior contingente de pobres e miseráveis de todo o RN; 5) o aumento da concentração da renda no município de Natal na última década.

Assim, enfrentar a questão da geração do emprego - de um lado para reduzir a taxa elevada de desemprego e, de outro, para absorver a crescente população em idade ativa - diminuir os indicadores de concentração de renda e reduzir o número de pobres e miseráveis constituem três grandes desafios que, embora não possam ser enfrentados somente pela ação isolada de uma gestão municipal, devem ser encarados como problemas prioritários e abordados através de políticas próprias e articuladas com outras esferas de governo (estadual e federal).

2 EMPREGO, DESEMPREGO, CONCENTRÇÃO DE RENDA E POBREZA EM NATAL

2.1 A Questão do Emprego e do Desemprego em Natal

O censo demográfico de 2000 identificou uma População Economicamente Ativa (PEA) em Natal de 318.820 pessoas, das quais 261.172 estavam ocupadas na semana de referência. Isso significa uma taxa de desemprego em Natal de 18,08%, ou aproximadamente 58.000 pessoas desempregadas na cidade. O desemprego atinge mais as mulheres que os homens e atinge também, de forma mais acentuada, a população jovem.

No entanto, uma política de geração de emprego na cidade deve se preocupar não só com esse contingente de desempregados, mas também com o fato de que, anualmente, nada menos do que 11.000 pessoas em Natal passam a compor o contingente de pessoas em idade entre 15 e 64 anos - em termos líquidos, ou seja, já descontados aqueles que saem dessa faixa etária. Desse contingente que ingressa anualmente em idade produtiva, leva-se em consideração, ainda, que pelo menos 7.600 pessoas provavelmente residem nas regiões Norte e Oeste de Natal, justamente aquelas regiões mais carentes do município.

Além da questão da quantidade de emprego que precisa ser gerado no município, a ação municipal deveria se preocupar também com a qualidade desses empregos gerados. Em Natal existem quase 115 mil postos de trabalho precários (num universo de 260 mil postos), distribuídos entre: 56 mil empregados sem carteira assinada, 3.000 trabalhadores não remunerados e outros 55 mil trabalhadores por conta própria (estes, embora nem todos sejam trabalhos precários, certamente a imensa maioria assim pode ser considerada).

Gerar mais e melhores empregos em Natal certamente deve ser o centro das preocupações de gestão municipal moderna e com o enfoque na questão social e no desenvolvimento da cidade.

2.2 O Maior contingente de Pobres e Miseráveis entre os Municípios do RN

Apesar de Natal possuir os menores indicadores de pobreza e indigência entre os municípios do RN, e dessas taxas terem declinado na cidade, entre 1991 e 2000, sua população de pobres e indigentes é a maior entre todos os municípios de RN e vem aumentando na capital do Estado. Para completar o quadro, a incidência de pobreza nas crianças do município, praticamente não se alterou na última década e a incidência de indigência nesse grupo etário se agravou no período.

Em 1991, havia em Natal 200.115 pessoas na condição de pobres, das quais tínhamos 72.576 em situação de indigência. Em 2000 esses números saltaram para 204.720 pobres e 78.853 indigentes[2].

Apenas a título de comparação, a população pobre do município de Natal é equivalente a praticamente toda a população de Mossoró. Por sua vez, se a população indigente de Natal fosse transferida para um único local e transformada em município, esse município teria, em 2003, a quarta maior população do estado, ou seja, somente Natal, Mossoró e Parnamirim têm, hoje, uma população total maior do que a população indigente que reside na capital.

Certamente que esse grande contingente de pobres e indigentes da capital reside, sobretudo, nas regiões Norte e Oeste da cidade, bem como em alguns bairros da região Leste. Segundo estudo feito por técnicos da Prefeitura Municipal de Natal[3], nada menos de que 318 mil pessoas (45% da população total) moram em bairros na cidade de Natal com baixo Índice de Qualidade de Vida. Além disso, mais da metade (54%) das crianças e adolescentes do município residem nesses bairros.

[2] Números do Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil.
[3] Índice de Qualidade de Vida dos Bairros de Natal.

Outro indicador agravante da situação das crianças de Natal é que em 1991, 17,38% delas eram indigentes e 42,11% eram pobres. Em 2000 esses indicadores estavam em 18,18% e 41,78%, respectivamente.

2.3 O Aumento da Concentração da Renda em Natal na Última Década

Entre 1991 e 2000 a renda *per capita* de Natal saltou de R$ 256,4 para R$ 339,9. Porém, esse crescimento ocorreu em concomitância com o agravamento da concentração de renda na cidade. O Índice de Gini passou de 0,60 em 1991 para 0,64 em 2000. Além disso, os 20% mais pobres, que detinham 2,6% da renda em 1991, passaram a deter apenas 1,9% dessa renda em 2000. O mesmo ocorreu com os 40% mais pobres, cuja renda decaiu de 8,1 em 1991 para 6,8% em 2000. Por outro lado, os 20% mais ricos detinham em 1991, 65% da renda da capital e em 2000 passaram a deter 68,6%.

3 DINÂMICA E CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DE TRABALHO DE NATAL

3.1 A dinâmica

3.1.1 População Economicamente Ativa (PEA): evolução recente e características gerais

A População Economicamente Ativa (PEA) é definida como sendo a população com idade igual ou superior a 10 anos de idade que, na semana de referência da pesquisa, estava ocupada ou procurando emprego.

O Censo de 2000 em Natal encontrou 583.185 pessoas com 10 anos ou mais de idade, sendo que aproximadamente 320 mil eram consideradas economicamente ativas. Mais de ¾ da PEA de Natal está na faixa etária entre 20 e 49 anos. A PEA da cidade está progressivamente envelhecendo: em 1991 cerca de 46% da mesma tinha menos de 30 anos de idade e somente 9,65% tinham 50 anos ou mais. Em 2000 os percentuais desses dois grupos etários eram de 41,46% e 11,75%, respectivamente.

Atualmente o grupo de idade de maior representação na PEA de Natal é aquele entre 20 e 29 anos. Todavia, a se manter o mesmo perfil de crescimento da PEA para a primeira década do Século XXI registrado na última década do Século XX, teremos, em 2010, o grupo etário de 30 a 39 anos constituindo a principal parcela da força de trabalho da cidade de Natal.

A População Economicamente Ativa de Natal ainda é, como de resto no Brasil, preponderantemente masculina. Entretanto, a mesma vem se tornando progressivamente menos masculinizada, com o aumento constante, e em praticamente todas as faixas de idade, da entrada de mulheres no mercado de trabalho.

Em 1991, para cada 100 homens inseridos no mercado de trabalho de Natal eram encontradas aproximadamente 72 mulheres. Em 2000 essa relação subiu para 81 mulheres para cada grupo de 100 homens. Isso se deveu ao fato de que, entre 1991 e 2000 a PEA de Natal aumentou em aproximadamente 81 mil pessoas. Destas, cerca de 43 mil eram mulheres e 38 mil

eram homens. Em outros termos, apesar das mulheres se constituírem em um grupo menor do que os homens na formação da PEA de Natal, na última década o ingresso de mulheres nessa PEA foi superior ao ingresso de homens. Portanto, mais mulheres que homens estão ingressando no mercado de trabalho de Natal.

Quando desagregamos a entrada de homens e mulheres pelos diferentes grupos de idade, algumas outras questões interessantes aparecem: em primeiro lugar verificamos que, na faixa etária entre 10 e 19 anos, a entrada de homens é superior à entrada de mulheres. Esse dado está relacionado, muito provavelmente, ao fato de que a mulher retarda sua entrada no mercado de trabalho em relação ao homem devido a sua opção por permanecer mais tempo (estudar mais anos) na escola. Em função dessa opção é que encontramos, nas estatísticas brasileiras, mais mulheres do que homens matriculados em escolas de ensino médio e em instituições de ensino superior. Isso significa que a mulher jovem está se preparando mais que o homem jovem para ingressar no mercado de trabalho.

Em segundo lugar, verificamos que, entre a população com 50 anos ou mais - e, sobretudo, entre aquela com 60 anos ou mais - a entrada de homens também é superior à entrada de mulheres. Nesse caso, esse fato está associado, provavelmente, à maior dificuldade da mulher nessa faixa etária encontrar trabalho e em função de seu ingresso na aposentadoria com uma idade inferior à idade dos homens.

Em síntese podemos dizer que: 1) a PEA de Natal está ficando progressivamente mais velha; 2) a PEA de Natal ainda é preponderantemente masculina; 3) o número de mulheres que ingressam atualmente no mercado de trabalho de Natal é superior ao número de homens que também ingressam nesse mercado; 4) apesar de, no geral, as mulheres estarem atualmente ingressando mais que os homens na PEA de Natal, no caso específico da População Economicamente Ativa de 10 a 19 anos e também naquela com idade igual ou superior a 50 anos de idade, a entrada de homens é superior ao das mulheres. Esses fatos estão associados, no primeiro caso, ao prolongamento do tempo de permanência na escola das mulheres em relação aos homens e, no segundo, a uma maior dificuldade da mulher com mais idade encontrar ocupação e à sua entrada mais cedo na aposentadoria.

Tabela 3.1	Natal/RN: Pessoas de 10 anos ou mais por condição de atividade (Total)					
Grupos de idade	Condição de atividade x Ano					
	Total		Economicamente ativa		Não economicamente ativa	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Total	471.175	583.185	237.593	318.820	233.582	264.365
10 a 19 anos	131.455	151.014	25.846	34.204	105.609	116.810
20 a 29 anos	121.861	130.687	84.356	97.979	37.505	32.708
30 a 39 anos	86.597	113.271	64.904	88.926	21.693	24.345
40 a 49 anos	56.541	80.633	39.555	60.241	16.986	20.392
50 a 59 anos	33.787	51.311	16.148	27.889	17.639	23.422
60 anos ou mais	40.934	56.269	6.784	9.581	34.150	46.688

Fonte: IBGE, Censos de 1991 e 2000.

Tabela 3.2	Natal/RN: Homens de 10 anos ou mais por condição de atividade (Total)					
Grupos de idade	Condição de atividade x Ano					
	Total		Economicamente ativa		Não economicamente ativa	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Total	214.035	268.706	138.193	176.133	75.842	92.573
10 a 19 anos	61.587	73.934	13.906	18.716	47.681	55.218
20 a 29 anos	55.968	61.516	49.097	53.612	6.871	7.904
30 a 39 anos	39.557	52.134	37.629	48.485	1.928	3.649
40 a 49 anos	25.439	36.363	23.480	32.765	1.959	3.598
50 a 59 anos	14.700	22.513	9.731	16.208	4.969	6.305
60 anos ou mais	16.784	22.246	4.350	6.347	12.434	15.899

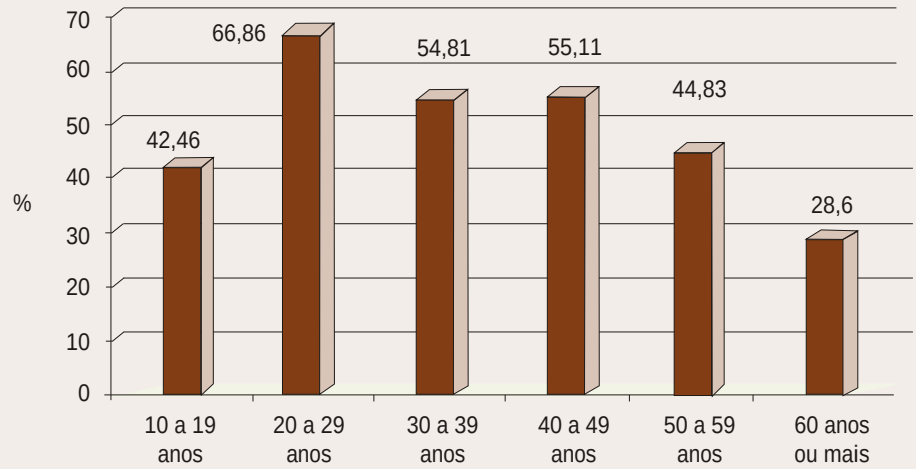
Fonte: IBGE, Censos de 1991 e 2000.

Tabela 3.3 Natal/RN: Mulheres de 10 anos ou mais por condição de atividade (Total)

Grupos de idade	Condição de atividade x Ano					
	Total		Economicamente ativa		Não economicamente ativa	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Total	257.140	314.479	99.400	142.687	157.740	171.792
10 a 19 anos	69.868	77.080	11.940	15.489	57.928	61.591
20 a 29 anos	65.893	69.171	35.259	44.367	30.634	24.804
30 a 39 anos	47.040	61.137	27.275	40.441	19.765	20.696
40 a 49 anos	31.102	44.270	16.075	27.475	15.027	16.795
50 a 59 anos	19.087	28.798	6.417	11.681	12.670	14.903
60 anos ou mais	24.150	34.023	2.434	3.234	21.716	33.003

Fonte: IBGE, Censos de 1991 e 2000.

Gráfico 3.1 % de Mulheres em Relação ao Total de Pessoas que Ingressaram no Mercado de Trabalho de Natal entre 1991 e 2000, segundo os grupos de idade



Fonte: IBGE, Censo 2000.

3.1.2 Emprego, Desemprego e Qualidade das Ocupações: tendências dos anos 90 e projeções para a atualidade.

A década de 90 em Natal foi marcada por um processo de precarização do mercado de trabalho. Pelo menos dois indicadores demonstram isso de forma absolutamente incontestável: 1) os indicadores de desemprego; 2) as categorias de ocupações.

Entre 1991 e 2000, o número de desempregados em Natal mais do que triplicou. O contingente de pessoas procurando emprego em Natal nos censos de 1991 e 2000 saltou de aproximadamente 18,5 mil pessoas para algo em trono de 57,6 mil indivíduos. Em função disso, e de que o número de pessoas desocupadas cresceu num ritmo superior ao de pessoas ocupadas, a taxa de desocupação da cidade subiu de 7,78% em 1991 para 18,08% em 2000.

Nos anos 90, de cada 2 trabalhadores que ingressaram no mercado de trabalho de Natal, 01 o fez na condição de ocupado e o outro entrou nesse mercado procurando emprego. Isso significa dizer que a expansão do emprego na cidade no decorrer dos anos 90 foi suficiente para criar ocupações para apenas metade das pessoas que estavam entrando no mercado de trabalho.

Caso essa tendência tenha se prolongado após o ano 2000, em 2005 Natal deverá ter, aproximadamente, 80.000 pessoas desempregadas, o que equivale a quase 22% da População Economicamente Ativa deste ano. Portanto, 1 em cada 5 trabalhadores de Natal estará desempregado[4].

Outro indicador importante do mercado de trabalho de Natal nos anos 90 é que as ocupações por conta própria cresceram num ritmo muito mais acentuado do que as ocupações de empregados. Como esses empregos por conta própria geralmente possuem ou extensas jornadas ou jornadas muito curtas, seus trabalhadores não contribuem para a previdência nem tampouco

[4] Conforme demonstramos no final desse trabalho, não acreditamos que tal tendência tenha se prolongado com a mesma intensidade ao longo da presente década. Apresentamos essa extrapolação de tendência apenas como elemento figurativo do processo de deterioração do mercado de trabalho de Natal nos anos 90.

têm garantias trabalhistas básicas (décimo terceiro e férias, por exemplo) e suas remunerações geralmente são inferiores ao dos trabalhadores empregados, podemos dizer que o tipo de postos de trabalho gerados nos anos 90 em Natal foi daqueles que, na média, eram mais precários do que as condições vigentes até então.

Assim, podemos dizer que, atualmente em Natal, em cada grupo de cinco pessoas pertencentes à PEA, um está desempregado e outro está trabalhando por conta própria.

A crescente precarização do mercado de trabalho de Natal fica clara nos seguintes indicadores: em 1991 cerca de 27,75% da PEA de Natal estava desocupada ou em ocupações por conta própria; em 2000 esse número saltou para 39,32% e em 2005, mantida a tendência da década anterior, esse valor terá alcançado 43,11% da PEA[5].

Tabela 3.4 — Natal: Indicadores do Mercado de Trabalho (1991 e 2000) e Projeção Para 2005

	1991	2000	Variação Absoluta	Variação Relativa	Variação Anual	Projeção 2005
PEA	237.593	318.820	81.227	34,19	9.025	363.946
Ocupados	219.104	261.171	42.067	19,20	4.674	284.542
Desocupados	18.489	57.649	39.160	211,80	4.351	79.405
Taxa de Desocupação(%)	7,78	18,08				21,82
Empregados	167.035	192.798	25.763	15,42	2.863	207.111
Empregadores	7.389	9.584	2.195	29,71	244	10.803
Conta própria	43.765	55.485	11.720	26,78	1.302	61.996
Outra Condição	915	3.304	2.389	261,09	265	4.631
Empregados (%)	76,24	73,82				72,79
Empregadores (%)	3,37	3,67				3,80
Conta própria (%)	19,97	21,24				21,79
Outra Condição (%)	0,42	1,27				1,63

[5] Vide nota anterior.

3.2 As características

3.2.1 O emprego e desemprego: dimensões, características etárias e por sexo e a questão da educação.

O censo Demográfico de 2000, do IBGE, encontrou em Natal aproximadamente 58 mil pessoas que estavam no mercado de trabalho, mas em situação de desemprego. A população desempregada de Natal, mas que está em busca de emprego é preponderantemente feminina (51,68%) e jovem (25,77% tem entre 10 e 19 anos e 37,99% entre 20 e 29 anos).

Conforme podemos ver na tabela 3.6, a taxa de desemprego em Natal é expressivamente elevada entre os jovens, sobretudo entre as mulheres mais jovens. Esses dados apontam para a necessidade de se elaborar políticas de emprego segmentadas, em que os jovens e as mulheres possam ser sujeitos de uma política específica de ingresso no mercado de trabalho.

Porém, duas outras importantes informações à respeito da evolução do mercado de trabalho nos anos 90 se destacam: 1) ao longo dos anos 90 a quantidade de pessoas ocupadas entre 10 e 29 declinou; 2) o segmento etário que sofreu a maior variação no número de desempregado foi a faixa etária de 40 a 49 aos.

Essas duas informações apontam para os seguintes acontecimentos: no tocante aos jovens, o mercado de trabalho de Natal foi incapaz de gerar novos postos de trabalho para essa parcela da população no decorrer dos anos 90. Como aumentou o número de pessoas nessa faixa etária tentando encontrar um lugar ao sol no mercado de trabalho, ocorreu um aumento no desemprego entre esse grupo.

No que diz respeito à população de 40 a 49 anos, apesar de ter aumentado o número de pessoas ocupadas nessa faixa etária, esse aumento não foi suficiente para dar conta do aumento da PEA nesse período. Com isso esse foi o segmento demográfico que sofreu a maior expansão no número de desempregados. Esse dado aponta, também, para a implantação de políticas específicas para esse grupo de trabalhadores.

Um dado extremamente emblemático da situação da mulher de Natal no mercado de trabalho aparece quando comparamos o perfil educacional da população masculina ocupada com o perfil das mulheres ocupadas. Enquanto cerca de 18,14% da mão-de-obra masculina empregada em Natal no ano 2000 tinha 3 anos ou menos de estudos, nas mulheres o percentual dessa faixa educacional era de apenas 11,68%. Por outro lado, enquanto cerca de metade (50,17%) das mulheres ocupadas na cidade tinha 11 anos ou mais de estudos, no caso dos homens ocupados apenas 36,64% estavam nessa faixa etária.

Outro dado interessante é que, apesar de, no geral, haver mais homens que mulheres trabalhando em Natal, para os grupos com 11 anos ou mais de estudos o número de mulheres ocupadas é maior do que o número de homens com esses mesmos anos de estudos.

Isso significa que, para as mulheres, o mercado de trabalho exige um perfil educacional mais elevado, muito embora, conforme veremos adiante, remunere-as em patamares inferiores aos dos homens.

Tabela 3.5	Natal/RN: Número de pessoas Desocupadas de 10 anos ou mais, por sexo		
Grupos de Idade	Total	Homens	Mulheres
Total	57.649	27.858	29.791
10 a 19 anos	14.858	7.521	7.338
20 a 29 anos	21.902	10.190	11.711
30 a 39 anos	11.762	5.133	6.629
40 a 49 anos	5.833	2.925	2.907
50 a 59 anos	2.487	1.555	932
60 anos ou mais	807	534	274

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Tabela 3.6	Natal/RN: Taxa (%) de Desocupação das Pessoas de 10 anos ou Mais, por sexo e Grupos de Idade		
Grupos de Idade	Total	Homens	Mulheres
Total	18,08	15,82	20,88
10 a 19 anos	43,44	40,18	47,38
20 a 29 anos	22,35	19,01	26,40
30 a 39 anos	13,23	10,59	16,39
40 a 49 anos	9,68	8,93	10,58
50 a 59 anos	8,92	9,59	7,98
60 anos ou mais	8,42	8,41	8,47

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Tabela 3.7	Natal/RN: Pessoas Ocupadas na Semana de Referência, segundo o sexo e o grupo de anos de estudos (Ano 2000)					
Grupos de anos de estudo	Absoluto			Percentual		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	261.171	148.275	112.896	100,00	100,00	100,00
Sem instrução e Menos de 1 ano	13.352	9.166	4.186	5,11	6,18	3,71
1 a 3 anos	26.735	17.734	9.001	10,24	11,96	7,97
4 a 7 anos	63.660	39.489	24.171	24,37	26,63	21,41
8 a 10 anos	44.478	26.332	18.146	17,03	17,76	16,07
11 a 14 anos	80.343	39.800	40.543	30,76	26,84	35,91
15 anos ou mais	30.630	14.526	16.104	11,73	9,80	14,26
Não determinados	1.973	1.228	745	0,76	0,83	0,66

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Tabela 3.8	Natal/RN: Evolução da PEA total, ocupada e desocupada e respectivas taxas percentuais de variação (1991 - 2000)					
Grupos de anos de estudo	Variação			Variação %		
	PEA	Ocupados	Desocupados	PEA	Ocupados	Desocupados
Total	81.227	42.067	39.160	34,19	19,20	211,80
10 a 19 anos	8.358	(1.612)	9.970	32,34	(7,69)	203,97
20 a 29 anos	13.623	(376)	13.999	16,15	(0,49)	177,14
30 a 39 anos	24.022	15.290	8.732	37,01	24,71	288,18
40 a 49 anos	20.686	16.036	4.650	52,30	41,79	393,07
50 a 59 anos	11.741	10.035	1.706	72,71	65,30	218,44
60 anos ou mais	2.797	2.694	103	41,23	44,31	14,63

Fonte: IBGE, Censo 2000.

3.2.2 Principais setores e posição da ocupação

Uma análise do mercado de trabalho de Natal, a partir da seção de atividade do trabalho principal das pessoas ocupadas na semana de referência do censo 2000, revela que homens e mulheres estão ocupados em atividades nem sempre coincidentes.

Para o conjunto dos trabalhadores, os cinco principais setores responsáveis pela geração de postos de trabalho em Natal são os seguintes: 1) comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos; 2) indústria de transformação; 3) administração pública, defesa e seguridade social; 4) educação; 5) alojamento e alimentação.

O ponto coincidente mais importante para homens e mulheres ocupados em Natal é que o setor de "comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos" se constitui no principal setor empregador da cidade. Contudo, para os homens, entre os cinco principais setores, além do setor acima citado devem ser incluídos em ordem decrescente de importância: 1) construção; 2) indústria de transformação; 3) administração pública, defesa e seguridade social; 4) transporte, armazenagem e comunicação. Para as mulheres, por sua vez, os setores mais importantes que se seguem ao "comércio e reparação de veículos e objetos pessoais e domésticos" são: 1) serviços domésticos; 2) educação; 3) indústria de transformação; 4) saúde e serviços sociais.

A mulher é maioria nos seguintes setores: serviços domésticos (91,42%), educação (71,69%), saúde e serviços sociais (69,97%) e outros serviços coletivos, sociais e pessoais (55,60%). Em todos os demais setores a presença masculina é superior.

O tabela 3.11 traça um perfil das ocupações, a partir da posição da ocupação e segundo os diferentes grupos de estudos dos trabalhadores. O primeiro dado que se destaca é que a maioria absoluta da mão-de-obra ocupada em Natal encontra-se na situação de empregados. Em

segundo lugar vem a categoria "conta própria", responsável por aproximadamente 1/5 dos postos de trabalho da cidade. Em terceiro, com um percentual bem baixo, aparece a categoria de empregadores.

Apesar desse padrão ser o mesmo para todas os grupos de anos de estudos, o peso de cada uma dessas categorias varia sensivelmente conforme o nível educacional da população ocupada. Para aqueles indivíduos com nível educacional mais baixo, o peso principal ainda é de empregados, no entanto, praticamente 1/3 deles estão ocupados em atividades por conta própria. Para os trabalhadores com mais escolaridade, o peso das ocupações por conta própria declina continuamente, enquanto aumenta o peso das categorias empregados e empregadores.

Esses números apontam para uma situação bastante nítida: indivíduos com baixa escolaridade têm dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho como empregados, sendo então obrigados a recorrer às atividades por conta própria. Por outro lado, aquelas pessoas com maior escolaridade possuem maior "empregabilidade" ou então passam a gerir uma empresa própria, aparecendo nas estatísticas como empregadores.

Portanto, a obtenção de um emprego ou a condição de empregador esta mais associada a uma maior escolaridade do indivíduo, enquanto aqueles com baixa escolaridade estão caminhando para a condição de trabalhador por conta própria.

Um outro dado interessante, que correlaciona os anos de educação formal do trabalhador com as características de sua inserção no mercado de trabalho, está apresentado no gráfico 3.2. Nele, fica bastante claro que o acesso a um emprego formalizado (com carteira assinada ou como servidor público estatutário), e a garantia de maiores benefícios sociais (férias remuneradas, décimo terceiro salário, contribuição previdenciária, etc.), está associado a uma maior escolaridade do trabalhador. Enquanto somente metade dos trabalhadores com menos de 1 ano de instrução estão empregados com carteira assinada ou na condição de militares e estatutários, entre aqueles empregados com mais de 15 anos de estudos cerca de 90% estão nessas condições.

Esses dados demonstram, claramente, que a educação formal é uma condição

extremamente importante para acesso a trabalhos que tragam um maior nível de estabilidade e de maiores proteções sociais. Aos trabalhadores menos escolarizados estão destinadas as ocupações com menor proteção social (emprego sem carteira assinada e trabalho por conta própria).

O gráfico 3.3 faz a mesma avaliação do anterior, porém faz uma distinção entre os homens e as mulheres. Por esse novo gráfico, vemos que a dinâmica entre homens e mulheres é igual, ou seja, quanto mais baixo o nível educacional do trabalhador ou da trabalhadora de Natal, mais precário é o emprego que se consegue obter. No entanto, a precariedade do mercado de trabalho entre as mulheres de baixa escolaridade é muito mais acentuada do que a precariedade desse mesmo mercado para o homem com poucos anos de estudos. Para as mulheres com baixa educação, a possibilidade de encontrar emprego formal é muito mais reduzida do que entre os homens com baixa educação. Somente quando a mulher possui 11 anos ou mais de estudos é que a precariedade do mercado de trabalho entre os dois praticamente se iguala, destacando-se, ainda, que no grupo de mais elevada educação, a precariedade é menor nas mulheres que nos homens.

Além disso, é importante reter as seguintes informações: em Natal existem quase 115 mil postos de trabalho precários - num universo de 260 mil postos - distribuídos entre empregados sem carteira assinada (56 mil), trabalhadores não remunerados (3 mil) e outros (55 mil) trabalhadores por conta própria (estes, embora nem todos sejam trabalhos precários, certamente a imensa maioria assim pode ser considerada).

Tabela 3.9 Natal/RN: Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência por sexo e seção de atividade do trabalho principal

Seçao de Atividade do Trabalho Principal	Total
Total	261.171
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	56.213
Indústria de transformação	27.213
Administração pública, defesa e seguridade social	24.221
Educação	22.563
Alojamento e alimentação	19.883
Serviços domésticos	19.477
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	18.062
Construção	17.462
Transporte, armazenagem e comunicação	15.077
Saúde e serviços sociais	14.598
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	14.348
Intermediação financeira	3.837
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	2.861
Atividades mal especificadas	1.847
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	1.422
Pesca	1.234
Indústria extrativa	855

Tabela 3.10

Natal/RN: Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência por sexo e seção de atividade do trabalho principal

Seçao de Atividade do Trabalho Principal	Homens	Seçao de Atividade do Trabalho Principal	Mulheres
Total	148.275	Total	112.896
Comércio, reparação de veículos automotores, Objetos pessoais e domésticos	36.554	Comércio, reparação de veículos automotores, Objetos pessoais e domésticos	19.659
Construção	16.695	Serviços domésticos	17.806
Indústria de transformação	15.998	Educação	16.175
Administração pública, defesa e seguridade social	15.037	Indústria de transformação	11.215
Transporte, armazenagem e comunicação	13.064	Saúde e serviços sociais	10.214
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços		Alojamento e alimentação	9.417
prestados às empresas	12.904	Administração pública, defesa e seguridade social	9.184
Alojamento e alimentação	10.466	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	7.978
Educação	6.388	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços	
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	6.370	prestados às empresas	5.157
Saúde e serviços sociais	4.383	Transporte, armazenagem e comunicação	2.013
Intermediação financeira	2.313	Intermediação financeira	1.524
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	2.246	Construção	767
Serviços domésticos	1.671	Atividades mal especificadas	744
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	1.222	Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	615
Pesca	1.127	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	200
Atividades mal especificadas	1.104	Indústria extrativa	122
		Pesca	107

Tabela 3.12	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (Pessoas)							
Posição na ocupação	Grupos de anos de estudo							
	Total	Sem instrução e menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14 anos	15 anos ou mais	Não determi-nados
Total	261.171	13.352	26.735	63.660	44.478	80.343	30.630	1.973
Empregados	192.798	8.285	17.738	45.218	33.770	62.944	23.421	1.423
Empregadores	9.584	123	297	1.140	1.069	3.907	3.028	20
Conta própria	55.485	4.848	8.344	16.133	8.902	12.657	4.092	508
Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	3.043	77	294	1.079	688	794	89	21
Trabalhadores na prod. para o próprio consumo	261	19	61	91	49	41	-	-
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Empregados	73,82	62,05	66,35	71,03	75,93	78,34	76,46	72,12
Empregadores	3,67	0,92	1,11	1,79	2,40	4,86	9,89	1,01
Conta própria	21,24	36,31	31,21	25,34	20,01	15,75	13,36	25,75
Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	1,17	0,58	1,10	1,69	1,55	0,99	0,29	1,06
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	0,10	0,14	0,23	0,14	0,11	0,05		

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 3.2 Natal: Percentual de Empregados com Carteira Assinada e Militares e Estatutários, segundo os anos de estudos

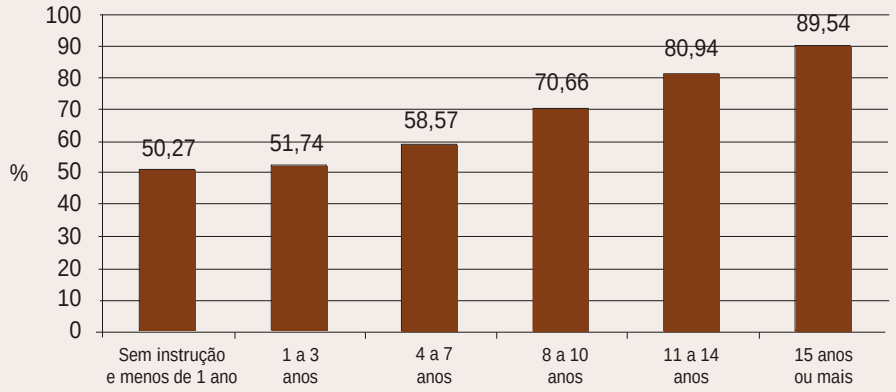
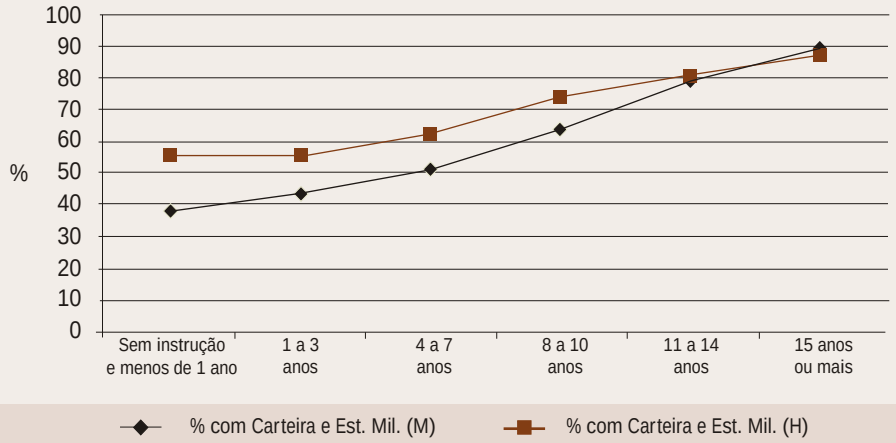


Gráfico 3.3 Natal: Percentual de Empregados com Carteira Assinada e Militares e Estatutários, no toal de empregados, segundo o sexo



Fonte: IBGE, Censo 2000.

3.2.3 O perfil da Jornada de Trabalho

Quando analisamos o mercado de trabalho de Natal pela ótica da extensão da jornada de trabalho, e separamos esse indicador pelos cortes de sexo e grupos de idade, algumas características saltam-nos à vista: a primeira delas é que as mulheres estão proporcionalmente mais envolvidas em postos de trabalho com jornadas mais curtas (inferiores a 40 horas semanais de trabalho), para todos os grupos de idade. Por outro lado, os homens estão mais envolvidos, proporcionalmente, em ocupações de jornadas de trabalho extensas (superiores a 44 horas semanais de trabalho).

Essa informação pode ser facilmente visualizada no gráficos 3.4 comparamos o percentual de homens e mulheres envolvidos em jornadas de trabalho "curtas" frente ao total de homens e mulheres ocupadas em Natal em 2000. Duas informações se destacam nesse gráfico: a primeira delas é que, para qualquer grupo de idade, a proporção de mulheres ocupadas em jornadas de "curta" duração é sempre superior à proporção de homens. O segundo dado importante é que, à medida que a idade da mulher avança, aumenta a proporção das mulheres ocupadas em postos de trabalho de baixa jornada[4]. Mais que isso,quanto mais essa idade avança, maior é a diferença entre a proporção das mulheres ocupadas nessas "pequenas" jornadas e a participação dos homens. Isso significa dizer que, para as mulheres, na medida em que a idade

[4] Essa assertiva só não é válida para a transição entre o grupo de 10 a 19 anos para o grupo de 20 a 29 anos: nesse caso os números apontam, tanto para os homens como para as mulheres, que o peso das jornadas curtas se reduz. Isso se deve ao fato de que os jovens entre 10 e 19 anos, independentemente do sexo, desempenham atividades de tempo parcial em função de sua permanência na escola. A partir dos 20, quando à grande maioria já deixou os bancos escolares, diminui então a proporção de ocupações de tempo parcial.

avança, a possibilidade de encontrar trabalho fica cada vez mais restrita a emprego de jornada parcial. Esse caso é particularmente marcante entre as mulheres com 50 ou mais anos de idade.

O gráfico 3.5, por sua vez, compara a proporção de homens ocupados em jornadas de trabalho extensas (mais de 44 horas semanais) frente ao total de homens ocupados e esse mesmo indicador para as mulheres.

Nesse gráfico chama a atenção a proporção sempre superior de homens ocupados em jornadas de trabalho extensas. Além disso, destaca-se o fato de que, tanto para os homens como para as mulheres entre 10 e 19 anos, existe uma proporção de praticamente 40% ocupados em jornadas de trabalho superior a 44 horas semanais. Se havíamos dito que uma parcela considerável dos jovens exerce atividades de tempo parcial porque dedicam parte de seu tempo à escola, também é correto afirmar que uma proporção significativa deles exerce jornadas de trabalho semanais extensas. Certamente que o fato de 40% dos jovens de Natal estarem envolvidos em longas jornadas semanais de trabalho dificulta o seu desempenho escolar e a sua permanência na escola por mais tempo, comprometendo assim seu futuro desempenho profissional, tendo em vista que muitas vezes têm que abandonar a escola cedo para se dedicar a essas atividades produtivas.

Aliás, o exercício de jornadas de trabalho extensas é um problema que perpassa, conforme levantamos anteriormente, o conjunto da mão-de-obra masculina de Natal. Como vemos no gráfico 3.6, para qualquer que seja o grupo de idade dos homens ocupados, pelo menos 40% estão em ocupações com jornadas semanais superiores a 44 horas de trabalho. A maior proporção de homens nesse tipo de jornada ocorre na faixa etária entre 30 e 39 anos, quando mais da metade dos trabalhadores masculinos desse grupo de idade estão ocupados em jornadas de trabalho extensas.

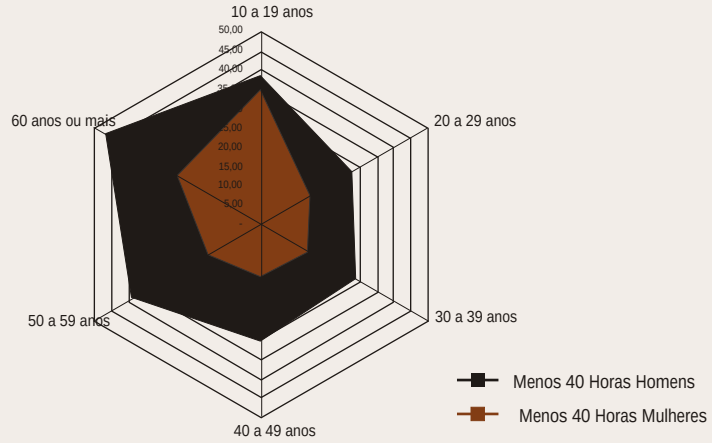
No caso das mulheres, a presença de jornadas de trabalho extensas é inferior ao caso dos homens e somente no grupo etário de 20 a 49 anos é que essas jornadas representam o principal padrão de jornada de trabalho delas, ocorre, porém,num patamar inferior ao registrado pelos homens na mesma faixa de idade.

envolvidas em jornadas de trabalho “curtas” deve ser contrabalançada com as múltiplas jornadas que as mesmas exercem, ocupando funções no mercado de trabalho mas também cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e ainda tendo que possuir uma maior qualificação profissional (portanto tendo que estudar mais) para conseguir o mesmo grau de formalidade no mercado de trabalho e, mesmo assim, estar submetida à condição de receber uma remuneração inferior à dos homens, quer por assumir postos de trabalho nos escalões mais baixos das empresas, quer por simples e pura discriminação por sua condição de mulher.

Para as mulheres que exercem “jornadas longas”, a validade dessas considerações é ainda mais expressiva além de ocuparem múltiplas jornadas, terem de se qualificar mais, ocuparem postos de trabalho mais baixos na hierarquia das empresas ou serem discriminadas nas mesmas ainda são obrigadas a cumprirem jornadas de trabalho para além de 44 horas semanais.

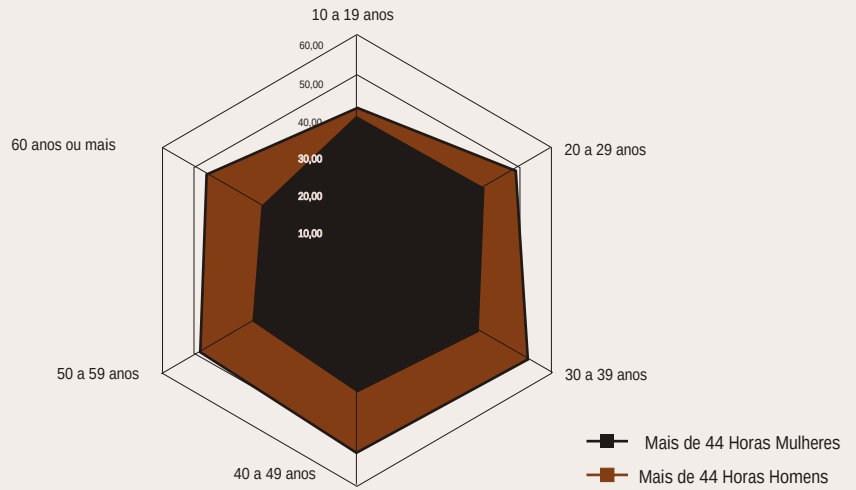
Gráfico 3.4

NatalRN: % de Ocupações de Homens e Mulheres em Jornadas de Trabalho “Curtas”



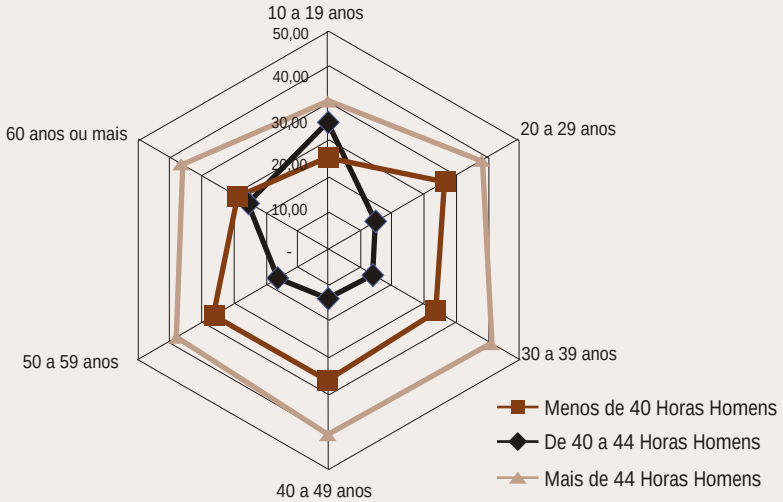
Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 3.5 NatalRN: % de Homens e Mulheres em Jornadas de Trabalho “Longas”



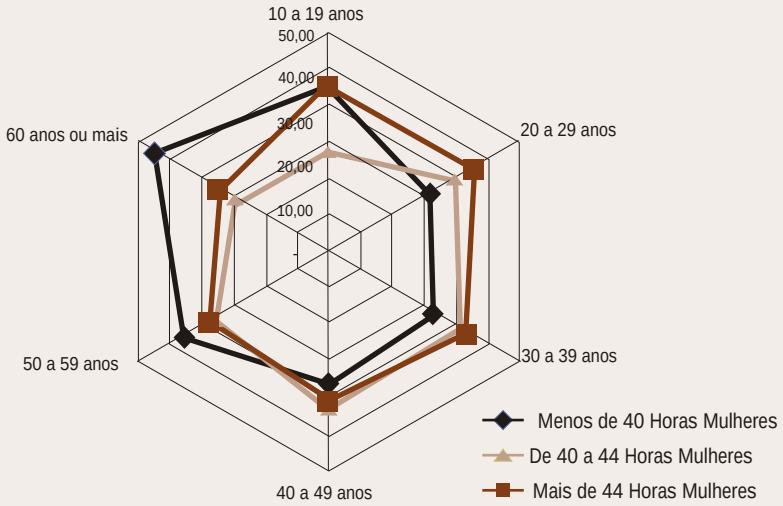
Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 3.6 NatalRN: Padrão da Jornada de Trabalho dos Homens



Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 3.7 NatalRN: Padrão da Jornada de Trabalho das Mulheres



Fonte: IBGE, Censo 2000.

3.2.4 O Perfil de Rendimento

Os indicadores de rendimento do mercado de trabalho de Natal, quando olhados sob a ótica das diferenças de remuneração entre homens e mulheres, revelam quanto elas apresentarem um perfil de remuneração pior do que eles, apesar de apresentarem um perfil educacional melhor.

A tabela 3.12 revela que, enquanto aproximadamente metade dos homens tinha uma remuneração de até 2 salários mínimos vigentes na época do censo, no caso das mulheres esse percentual chegava a aproximadamente 64,5%. Por outro lado, enquanto somente 5,5% das mulheres recebiam 10 SM ou mais, nos homens esse percentual chegava a praticamente o dobro, alcançando cerca de 10% da força de trabalho masculina.

Esses dados ganham contornos mais dramáticos quando comparamos o percentual de mulheres que ganham até 2 SM nos cinco principais setores de ocupação para a mão-de-obra feminina, com esse mesmo indicador para os cinco setores que mais geram postos de trabalhos para homens. Duas informações principais se destacam nos dois gráficos seguintes: a primeira delas é que, como empregada doméstica - a segunda maior ocupação das mulheres - quase 100% delas recebe até 2 SM. O fato de um setor importante para gerar emprego para as mulheres, pagar uma média salarial tão baixa, obviamente acaba reduzindo a média salarial geral das mulheres.

A segunda informação relevante é sobre o perfil salarial de homens e mulheres nos setores de comércio e indústria de transformação. Mesmo esses setores, que em tese deveriam apresentar um perfil salarial semelhante entre os sexos, registram sérias distorções entre o rendimento de homens e mulheres.

No setor de comércio, 63,76% das mulheres têm um rendimento de até 2 SM, enquanto entre os homens ocupados nesse setor cerca de 56,45% estão nesse nível salarial. No

caso do setor da indústria de transformação as distorções são ainda mais significativas: cerca de 80% das mulheres recebem um rendimento de até 2 SM, enquanto nos homens esse percentual é de aproximadamente 60%.

A razão dessa distorção nesses dois setores deve ser creditada fundamentalmente, ao fato de que as mulheres devam estar ocupando posições nos baixos escalões das empresas, enquanto sua presença nas esferas gerenciais é proporcionalmente inferior à participação masculina.

Um outro dado relevante é que três importantes atividades privadas que geram emprego em Natal (o setor de comércio, a indústria de transformação e o setor de alimentação e alojamento - certamente um setor onde está localizado o turismo) pagam salários extremamente baixos aos seus trabalhadores. Para os setores de alojamento e alimentação e para a indústria de transformação, cerca de 2/3 de seus postos de trabalho remuneram com até 2 salários mínimos. Para o setor de comércio, esse percentual é de 60%.

Tabela 3.12 — Natal/RN: Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência por classes de rendimento nominal mensal do trabalho principal e sexo

Classes de rendimento nominal mensal do trabalho principal	Variável x Sexo					
	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (Pessoas)			Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (Percentual)		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	261.171	148.275	112.896	100,00	100,00	100,00
Até 1 salário mínimo	64.222	27.658	36.564	24,59	18,65	32,39
Mais de 1 a 2 salários mínimos	83.967	47.696	36.271	32,15	32,17	32,13
Mais de 2 a 3 salários mínimos	29.425	18.994	10.431	11,27	12,81	9,24
Mais de 3 a 5 salários mínimos	29.899	19.692	10.207	11,45	13,28	9,04
Mais de 5 a 10 salários mínimos	27.763	17.444	10.319	10,63	11,76	9,14
Mais de 10 a 20 salários mínimos	13.889	9.380	4.509	5,32	6,33	3,99
Mais de 20 salários mínimos	7.124	5.434	1.690	2,73	3,66	1,50
Sem rendimento	4.882	1.977	2.906	1,87	1,33	2,57

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 3.7

Natal: Peso da remuneração de até 2 Salários Mínimos (Mulheres)

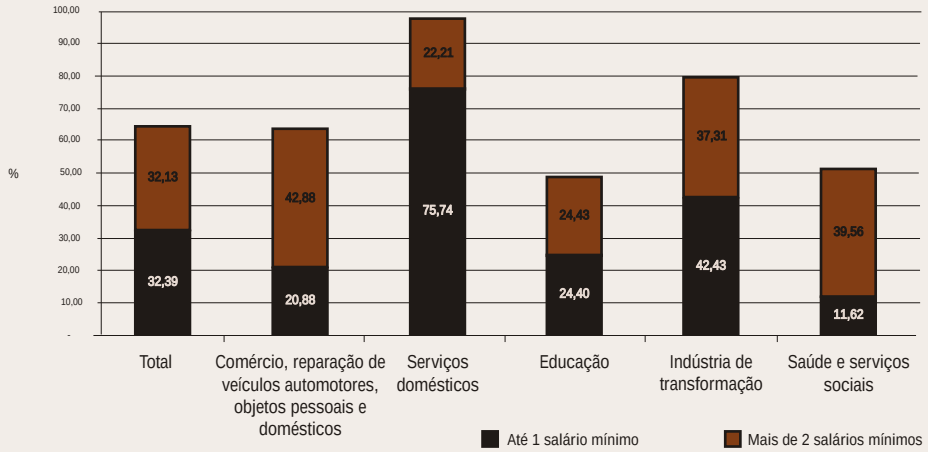
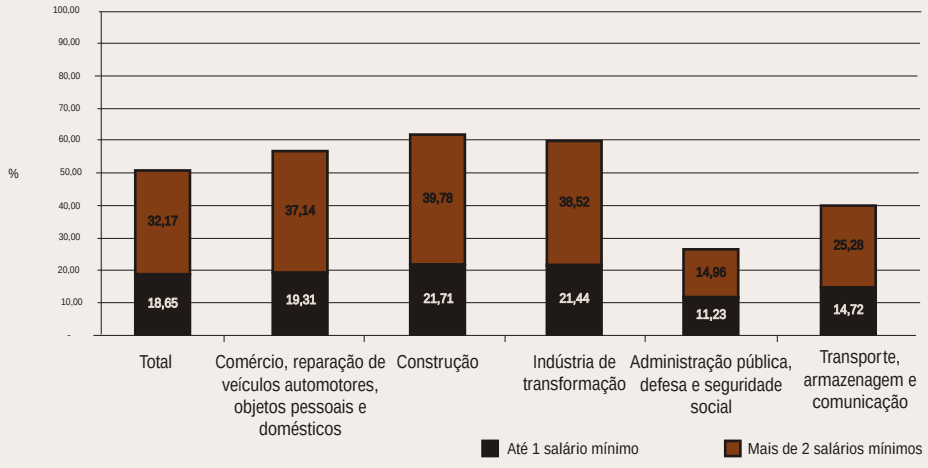


Gráfico 3.8

Natal: Peso dos Rendimentos até 2 Salários Mínimos (Homens)



3.3 Novas tendências

Podemos considerar, com um grau razoável de certeza, que a crescente precarização do mercado de trabalho de Natal no decorrer dos anos 90 não tenha prosseguido na presente década com a mesma intensidade. Podemos avocar até a hipótese de que parte dessa precarização possa ter sofrido uma ligeira reversão ou ter estagnado ao longo da década.

Certamente que a confirmação dessas hipóteses só se sustenta com uma pesquisa de campo que dê conta da situação atual do mercado de trabalho da cidade.

Porém, podemos apontar alguns indicadores como sinalizações de um esgotamento ou diminuição do ritmo de precarização das relações de trabalho.

Em primeiro lugar, é importante reportar-se ao fato de que nos anos 90 ocorreu na economia brasileira, e na de Natal em particular, um processo de modernização tecnológica com conseqüências nefastas para o mercado de trabalho. Nesse sentido, os investimentos realizados pelas empresas foram, em grande parte, destinados à modernização tecnológica, com impactos expressivos na produtividade e no emprego. Assim, por exemplo, o processo de modernização do parque industrial da Região Metropolitana de Natal, notadamente do parque têxtil, bem como do setor bancário, de telecomunicações e de distribuição de energia elétrica, com geração de desempregados ou de empregos terceirizados, foram responsáveis, em parte, pelo desempenho do mercado de trabalho da cidade na década passada.

Porém, o ciclo de reestruturação modernizadora desses setores já chegou ao fim. Novos investimentos nesses segmentos produtivos, atualmente, exigem a contratação de mais trabalhadores, ao contrário do período anterior, quando os investimentos realizados geralmente dispensavam mão-de-obra.

Outro indicador importante está no desempenho do mercado formal de trabalho, com dados demonstrando que vem aumentando o número de trabalhadores na capital do RN, com carteira de trabalho assinada. Conforme podemos ver na tabela 3.13, entre 2000 e 2004 o mercado de trabalho de Natal gerou uma média de 4.582 postos formais por ano. No sub-período 2000-2003 a média foi de 3.554 trabalhos formais gerados anualmente, enquanto em 2004 o total

de empregos formais foi de 8.694.

Extrapolando-se essa tendência para a década presente, significa dizer que mantendo uma média anual de geração de 4,5 mil postos de trabalhos formais em Natal, no final da década terão sido gerados cerca de 45 mil novos empregos formais na cidade. Isso equivale a mais do que o total de ocupações geradas ao longo da década de noventa. Em outros termos, mantida a tendência do mercado formal de Natal entre 2000 e 2004 para o restante da década, vai se gerar mais empregos com carteira assinada na cidade do que o total de todas as formas de ocupação da década anterior.

Podemos dizer que a tendência é que o desempenho do mercado de trabalho em Natal, nos próximos anos, seja semelhante a do qüinqüênio anterior, em função de alguns importantes investimentos que estão sendo feitos na cidade: construção de novos *shoppings* e ampliação de outros, construção/ampliação de supermercados, construção/ampliação da rede hoteleira, *boom* imobiliário, crescimento expressivo do setor de turismo, etc. Todos esses investimentos apontam para a possibilidade do mercado de trabalho de Natal estar gerando uma quantidade razoável de empregos no setor formal da economia.

Tabela 3.13 Natal: Evolução do Emprego Formal: 2000-2004

Atividade econômica	2000		2001		2002		2003		2004		Saldos totais
	Saldo	%	Saldo	%	Saldo	%	Saldo	%	Saldo	%	
Extrativa mineral	-227	10,15	-16	0,25	31	1,57	16	0,86	5	5,62	-191
Ind. Transformação	581	3,66	864	2,12	710	4,84	251	1,67	2.063	11,16	4.309
Serv.ind.util.pub.	-25	1,13	-62	1,63	79	3,22	-6	0,24	42	2,34	28
Construção civil	-218	2,00	-453	2,87	-758	7,26	145	1,55	1.312	13,11	28
Comércio	779	3,16	1.847	4,52	1.886	7,37	1.257	4,35	3.115	9,55	8.884
Serviços	1.038	2,13	1.977	2,67	862	1,67	1.376	2,42	2.058	3,60	7.311
Admin. Pública	-101	1,04	29	0,12	13	0,27	5	0,24	29	0,62	-25
Agropecuária	147	10,19	1.680	10,23	465	35,36	45	2,30	70	2,98	2.407
Outros	-3	30,00	-1	0,54	0	0,00	4	----	0	----	0
Total	1.971	1,70	5.865	2,63	3.288	2,91	3.093	2,61	8.694	6,84	22.911

Fonte: MTE CAGED.

4 CONCLUSÕES

A Dinâmica Recente e as Características:

- A PEA de Natal está ficando progressivamente mais velha;
  - Transição demográfica;
  - Adiamento da entrada no mercado de trabalho, provavelmente em função de uma maior permanência na escola;
  - Combate ao trabalho infanto-juvenil;

- A PEA local ainda é preponderantemente masculina;

- Ao longo dos anos 90 o número de mulheres que ingressou no mercado de trabalho de Natal foi superior ao número de homens;

- Entre os jovens e os mais idosos (50 ou +) a entrada de homens ainda é superior ao de mulheres;
  - Maior permanência da mulher na escola;
  - Maior dificuldade da mulher com mais idade ingressar no mercado de trabalho;

- O Mercado de Trabalho de Natal nos Anos 90 foi marcado por:
  - Crescimento do emprego concentrado, fundamentalmente, no terciário:
    - O setor terciário de Natal é o principal empregador, sendo que no decorrer dos anos 90 essa preponderância se acentuou em função do fraco desempenho do setor industrial;
  - Aumento expressivo do desemprego:
  - Ao longo dos anos 90 o mercado de trabalho de Natal só foi capaz de gerar postos de trabalho para apenas metade das pessoas que estavam ingressando na PEA local; desse modo, de cada duas pessoas que entraram na PEA nos anos 90 apenas uma conseguiu trabalho;
  - Aumento da precarização:
  - Crescimento do número de ocupados por conta própria em ritmo superior ao de empregados;

- O Desemprego atinge, sobretudo, os jovens e as mulheres.
- As mulheres, mesmo sendo minoria na população ocupada total, são maioria entre os trabalhadores com 11 anos ou mais de estudos;
- O perfil educacional da mão-de-obra feminina é melhor do que o perfil da masculina;
- Praticamente metade das ocupações de Natal é de natureza precária;
- Adicionando-se os trabalhadores precários e aos desempregados os números chegam a quase 190.000 pessoas;
- O trabalho não-precário está mais acessível aos trabalhadores mais qualificados - melhor escolaridade;
- As mulheres menos qualificadas possuem um grau de precariedade superior a dos homens, mas as mais qualificadas possuem precariedade mais baixa do que estes.
- Proporcionalmente, o problema de jornadas longas de trabalho está mais presente entre a população masculina ocupada do que entre a feminina;
- Entretanto, o problema de longas jornadas também é encontrado entre as mulheres, sobretudo as de 20 a 39 anos;
- As mulheres com mais idade (50 ou +) tendem a se ocuparem em trabalhos de tempo parcial;
- Mesmo as mulheres tendo um perfil educacional melhor que os homens, seu perfil de rendimento é pior;
- Parte da explicação para isso está no fato de que uma parte considerável das mulheres está ocupada em ocupações de baixa remuneração (ex.: empregadas domésticas);
- Todavia, quando comparamos a remuneração das mulheres e dos homens em dois importantes setores - indústria de transformação e comércio - as mulheres continuam recebendo menos que os homens nesse caso a razão está no fato das mulheres ocuparem escalões inferiores nas empresas;
- A tendência à crescente precarização, verificada na década passada, pode não ter continuado na década presente. Novos investimentos feitos na capital e os dados da CAGED apontam para um aumento na geração de postos de trabalhos formais na cidade.

Criação, arte e diagramação

CORPORATIVA
Soluções em Comunicação

Jornalista responsável: Cida Ramos
(RN00793/JP)

Capa
Ivana Lima Design

Correção gramatical
Paulo Laguardia